



ENTRE A ESTILÍSTICA SPITZERIANA E A TEORIA INTERACIONISTA BLACKIANA: UMA ANÁLISE DAS METÁFORAS EM A *DESUMANIZAÇÃO*, DE VALTER HUGO MÃE

Cristhyan Emanuel Monteiro Gomes¹
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO

A desumanização (2017) é o sexto romance do escritor português Valter Hugo Mãe. Neste trabalho, selecionamos cinco metáforas contidas na obra com o objetivo central de analisá-las tanto como um instrumento cognitivo que produz conhecimento quanto um traço estilístico do autor. Desse modo, o instrumental teórico utilizado apoia-se especialmente nos pressupostos da teoria interacionista da metáfora e, também, na estilística literária de vertente spitzeriana. Tal percurso define metodologicamente a pesquisa enquanto um estudo bibliográfico. Para isso, recorreu-se às teses de Black (1966), cujo enfoque interacionista sobre as metáforas auxiliou no percurso analítico das sentenças metafóricas em pauta, e aos estudos sobre estilística organizados por Aguiar e Silva (1979), Martins (2012) e Monteiro (2009), dos quais utilizou-se a concepção de estilo adotado por Léo Spitzer para compreender a relação tênue entre as vivências de Mãe e o seu estilo expresso na obra. Os resultados nos apontam que as metáforas, na voz da personagem *Halla*, parecem operar como uma maneira de lidar com experiências que abrangem a morte e o luto. Portanto, conclui-se que as sentenças metafóricas geram similitudes e, assim, funcionam como recurso estilístico tal qual como produtoras de conhecimento para apreender questões que atravessam a condição de *ser humano*.

Palavras-chave: Metáfora. Estilística. Max Black. Valter Hugo Mãe. *A desumanização*.

RESUMEN

La Deshumanización (2017) es la sexta novela del escritor portugués Valter Hugo Mãe, en esta obra se seleccionaron cinco metáforas contenidas en la obra con el objetivo central de analizarlas tanto como instrumento cognitivo productor de conocimiento como rasgo estilístico del autor. De este modo, el instrumento teórico utilizado se fundamenta especialmente en los supuestos de la teoría interacionista de la metáfora y, también, en una estilística literaria de corte spitzeriano. Este camino define metodológicamente la investigación como un estudio bibliográfico. Para ello recurrimos a las tesis de Black (1966), cuyo enfoque interacionista en las metáforas ayudó en el recorrido analítico de las oraciones metafóricas en cuestión, y a estudios sobre estilística organizados por Aguiar e Silva (1979), Martins (2012) y Monteiro (2009), que utilizó la concepción de estilo adoptada por Léo Spitzer para comprender la tenue relación entre las experiencias de Mãe y su estilo expresado en la obra. Los resultados nos muestran que las metáforas, en la voz del personaje *Halla*, parecen operar como una forma de abordar experiencias que abarcan la muerte y el duelo. Por lo tanto, se concluye que las oraciones metafóricas generan similitudes y, así, funcionan como recurso estilístico además de producir conocimiento para comprender cuestiones que permean la condición de *ser humano*.

Palabras clave: Metáfora. Estilística. Max Black. Valter Hugo Mãe. *La deshumanización*.

¹ É mestrando em Letras - Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPA. E-mail: cristhyan2015.cg@gmail.com



INTRODUÇÃO

Publicado originalmente em 2013, em Portugal, *A desumanização* sucede outros cinco romances escritos por Mãe e está situado dentre os livros que não fazem parte da “tetralogia das minúsculas” que, por sua vez, correspondem aos quatro primeiros romances do autor. Além disso, é o primeiro romance situado fora de terras portuguesas, tendo a Islândia como o espaço da narrativa. Por esse motivo, *A desumanização* emerge como um diferencial no conjunto da obra do autor, por consolidar efetivamente o afastamento do seu conhecido procedimento de escrever somente em minúsculas e por ambientalizar a escrita e as narrativas de Mãe por outras terras.

Assim, trata-se de um romance com aproximadamente cento e noventa páginas, dividido em uma *primeira parte* e uma *segunda parte* e que apresenta, de maneira geral, a história de Halla, uma criança de 11 anos que perdera a irmã gêmea e, por esse motivo, passa por um processo de amadurecimento precoce em razão do desencarne de Sigridur, sua irmã. Ao longo desse transcurso de maturação, a personagem vivencia acontecimentos e conflitos que a desumanizam ora fisicamente, ora psicologicamente, sitiada a cada momento pelo processo de luto e pelos sofrimentos da dor da perda e da solidão. O autor tece um mergulho na consciência humana, descortinando assombros e concepções que perpassam cada indivíduo, cada ser dotado de humanidade, especialmente Halla que evoca recorrentemente sua falecida irmã Sigridur através da memória.

Diante disso, esse artigo tem como objetivo analisar as metáforas presentes no livro *A desumanização*, sobretudo as que se referem principalmente ao tempo da narrativa, a partir das teses interacionista do filósofo Max Black. O instrumental teórico apoia-se, em parte, nos pressupostos da estilística literária, especialmente a de vertente spitzeriana, em que, a partir dos estudos sobre estilística de Aguiar e Silva (1979), Martins (2012) e Monteiro (2009), depreendemos que a manifestação do estilo do autor é resultado de suas próprias experiências e vivências. Nesse sentido, elegemos as teses de Léo Spitzer em razão de a metáfora ser um procedimento e um recurso estilístico agregador de dispersões interiores, traço de valor semântico que nos permite considerar a abordagem interacionista de Max Black, pois ela auxilia no entendimento das metáforas enquanto produtoras de conhecimento, criando, assim, similaridades entre vocábulos e sentenças que fomentam *insights* cognitivos. Por esse motivo, o presente trabalho alinha-se metodologicamente a uma pesquisa bibliográfica, a fim de lançar mão de determinados aportes teóricos capazes de subsidiar o processo analítico aqui traçado. Assim, não dispomos de proposições teóricas para repetir o que já fora desenvolvido, mas sim para concebermos o objeto de análise deste trabalho a partir de um novo prisma, como uma forma de encará-lo sob uma nova abordagem e, conseqüentemente, extrair outras considerações sobre tal objeto.

Posto isso, diante do universo teórico e de diversos conceitos significativos contidos nos estudos da estilística literária de Spitzer e da abordagem interacionista da metáfora em Black, somente alguns foram utilizados para a concepção deste trabalho. No que se refere à estilística literária, recorreremos às discussões teóricas tecidas por Aguiar e Silva (1979), Martins (2012), Monteiro (2009), para dispor do modo como Spitzer concebe seu conceito de estilo que, no que lhe diz respeito, parte do espelhamento dos próprios estados interiores do autor, influenciando um desvio à utilização corriqueira da linguagem. Isso implica a noção “de que a língua reflete o próprio ser humano, sua cosmovisão, e é na utilização específica, enquanto mecanismo individual, que se pode atingir a consciência da capacidade de reflexão sobre a realidade” (MONTEIRO, 2009, p. 17). Em



relação às discussões de Max Black (1966) em *Modelos y metáforas*, utilizamos a sua fórmula de significado, bem como o entendimento da metáfora enquanto produto cognitivo que, em sua estrutura, apresenta dois elementos em interação. A noção de *sistema de lugares-comuns associados* e as definições de *marco* e *foco* também foram desenvolvidas.

O primeiro momento deste trabalho executa uma breve imersão no campo de estudo da estilística, com base nas discussões de Aguiar e Silva (1979), Martins (2012) e Monteiro (2009) para definir, em seguida, o pensamento de Spitzer no que se refere à percepção de estilo literário. Posteriormente, entra-se nas contribuições de Max Black e suas teses interacionistas sobre a metáfora. Em seguida, no tópico intitulado “*Semelhantes na tristeza: as metáforas como um instrumento cognitivo para a reivindicação e a compreensão do processo de luto*”, há a análise de cinco metáforas presentes no romance. Após isso, fazem-se as considerações finais e indicamos as devidas referências.

1 A ESTILÍSTICA: UMA BREVE IMERSÃO

A Estilística refere-se, de modo geral, a uma disciplina, ou ramo da linguística moderna, cujo objeto de estudo é o estilo. Tal objeto, quando submetido à ótica da linguagem, pode assumir definições diversas segundo a perspectiva teórica pela qual seja abordado, tais como a Estilística Idealista e a Descritiva. Monteiro (2009) afirma que delimitar esse campo de estudo é um dos grandes impasses encontrados na linguística, exatamente por ser possível identificar múltiplos entendimentos válidos pelos quais podemos considerar o estilo. Logo, o estilo é encarado sob diversos prismas, estudado e conceituado a partir de diferentes metodologias e teorias, ora convergentes, ora divergentes dentro dos estudos estilísticos, sendo, por consequência, ora excludentes, ora complementares. No entanto, Monteiro (2009, p. 44) afirma que “o estilo, em última instância, seria uma forma peculiar de encarar a linguagem com uma finalidade expressiva”, e essa noção desvela o cerne dos estudos estilísticos, seja qual for o seu campo de aplicação.

Ao longo do século XX, duas grandes correntes estilísticas se desenvolveram, são elas a Estilística da Língua, tendo Charles Bally como seu precursor, e a Estilística Literária, muito embora o século passado tenha fomentado a aparição de outras vertentes de estudo, tais como a Estilística Estrutural e a Estilística como a Sociolinguística. Entretanto, daremos foco na Estilística Literária, sobretudo aos estudos articulados pelo professor e crítico literário Leo Spitzer. De acordo com Aguiar e Silva (1979, p. 607), a estilística spitzeriana realça a importância do engendramento psíquico do autor e, por isso, “a orientação desta estilística é substancialmente psicologista, pois ela procura, em última instância, conhecer a vivência especial, a vibração da sensibilidade, a disposição da alma que refletem nas palavras”.

À vista disso, o autor concebe um método de análise denominado “Círculo filológico”, em que, no processo do estudo do estilo, se faz necessário ler certa obra, garimpando um traço estilístico presente em seu interior — e isso se dá numa lógica de redescobrimto da própria obra, tendo em vista que é importante o exercício de ler e relê-la. Após essa coleta, feita a partir de um princípio intuitivo, amplia-se esse círculo associando esse traço destacado a outros da obra, e, a partir de uma reflexão e interpretação psicológica desses traços, chega-se à gênese, ao núcleo da obra, ao espírito do autor, como numa atividade de perscrutamento genético da obra, pois o traço apreendido é responsável pela sua essência, isto é, “a associação desse pormenor a outros permitia a apreensão do princípio criador, da forma interna, enfim levava à visão totalizadora da obra”



(MARTINS, 2012, p. 24). Esse princípio criador citado pela autora deveria ser confirmado propriamente nos diversos traços alçados.

Assim, ao passo que o círculo primeiramente se utiliza de um princípio indutivo, em que um traço específico se assoma a outros, em contrapartida um processo dedutivo também se estabeleceria de modo a vislumbrar o núcleo da obra como uma visão total dos traços estilísticos indicando um “movimento de vaivém, ora partindo da periferia para o centro, ora do centro para a periferia” (AGUIAR & SILVA, 1979, p. 609). De maneira breve, se o nosso objetivo central neste artigo fosse analisar uma obra de Valter Hugo Mãe a partir do círculo filológico spitzeriano, primeiramente localizaríamos uma metáfora que correspondesse à temática do luto, por exemplo, e, logo em seguida, encontraríamos outras que tratassem da mesma temática. Nesse processo, o conjunto desse traço estilístico (a metáfora) progrediria ao conjunto da obra, bem como se faria o movimento de regressão, isto é, do todo da obra às ocorrências localizadas da mesma metáfora como traço genético. Esses traços representam a essência da obra, desvelando a própria psique do autor. Monteiro (2009, p. 17) reitera que: “a análise spitzeriana se concentra numa reflexão sobre os desvios do uso normal da língua, desvios que resultam de uma emoção ou alteração do estado psíquico do escritor”. Ou seja, a análise de um traço estilístico associado a outros permite uma acepção que reflete o estado psíquico do escritor, no qual as suas vivências e experiências intrínsecas corroboram a composição de seu estilo, e isto só é possível quando o escritor se aparta de uma égide psíquica comum, apartando-se, também, em decorrência desse estado incomum, de uma utilização linguística corriqueira.

É importante ressaltar que a estilística possui uma pluralidade de enfoques orientados por diversos autores, e que tais enfoques podem coexistir haja vista a validade que possuem dentro desse campo de estudo. Dessa forma, a estilística, seja pela ótica descritiva, seja pela idealista, atenta-se para as questões da ordem criativa da linguagem, manifestando-a como organismo vivo de transcendência uma vez que transpassa as barreiras balizadas pela norma e, assim, vislumbra-se a potência que a língua logra por meio da expressividade.

Neste trabalho, adotamos a perspectiva spitzeriana no que se refere ao conceito de estilo, baseado nas explanações de Aguiar e Silva (1979), Martins (2012) e Monteiro (2009). Como já explanado anteriormente, a estilística literária de Spitzer segue um caráter psicologizante acerca do estilo, uma abordagem que parte das vivências intrínsecas a um autor que, em determinada obra literária, é capaz de refletir, na linguagem, os aspectos subjetivos da sua alma, do seu estado de espírito particular. Nesse sentido, a estilística spitzeriana:

parte da reflexão, de cunho psicologista, sobre os desvios da linguagem em relação ao uso comum; uma emoção, uma alteração do estado psíquico normal; um desvio da linguagem usual é, pois, indício de um estado de espírito não habitual. O estilo do escritor – a sua maneira individual de expressar-se – reflete o seu mundo interior, a sua vivência. (MARTINS, 2012, p. 24)

Com base nessas conceituações, notamos que, no espaço destinado à “Nota do autor” do livro *A desumanização*, Mãe (2017, p. 185) evoca a seguinte memória: “Quando nasci já o meu irmão Casimiro havia falecido. Durante a infância imaginava-o à minha imagem, um menino crescendo como eu, capaz de conversar comigo partilhando os mesmos interesses”. Em seu outro livro intitulado *Contra mim* (2020), que contém elementos autobiográficos a partir de suas memórias evocadas quando criança, o autor discorre sobre o processo de luto de sua mãe: “Naquele tempo, emigrava-se para uma ausência profunda [...] As pessoas mudavam de país como para mudarem de



ser quem eram. Naquela viagem, a bela Antónia dos Alves estava mandada para ser outra pessoa” (MÃE, 2020, p. 25).

Mais adiante, o autor também rememora os proferimentos de sua mãe em relação ao seu filho falecido: “Quando se refere ao Casimiro, como se não pudesse suportar mais nada, diz apenas que nunca se vira um bebé tão perfeito. Era o rosto mais perfeito da inteira humanidade” (MÃE, 2020, p. 26), e as suas próprias percepções: “Considerava o meu irmão como um menino que me era igual em tudo. Embora ele tivesse morrido com um ano apenas, pensava nele como era eu, na minha idade ou ao menos do meu tamanho, para termos as conversas que sabia ter” (MÃE, 2020, p. 94-95).

A partir desses dados biográficos e principalmente considerando a opção do autor por integrá-los à sua literatura, seguindo a mesma construção de seus textos ficcionais, podemos fazer uma relação entre o enredo de *A desumanização* e as próprias vivências do autor a fim de perceber que o que fora vivido e sentido por ele, em um recorte de tempo da sua existência, espelha-se na construção de sua obra. O estilo de Mãe, em todas as escolhas e desvios, manifesta-se justamente por esse estado inabitual de sua alma. Assim, *A desumanização* reflete efetivamente a psique de Mãe, em que as metáforas engendradas na obra se constituem também como um traço estilístico onde, somado a outros, sugerem um esforço de compreensão e verbalização das complexidades dos sentimentos humanos, como uma forma, também, de se autoconhecer, especialmente quando as encaramos como instrumentos de cognição.

Ora, ao considerar o fundo autobiográfico anunciado na epígrafe do romance estudado, não é absurdo supor que há nele um conjunto metafórico cuja gênese se encontra na complexidade afetiva do autor. A fim de adentrar no universo semântico variado dessas metáforas e em toda a sua carga cognitiva e interacionista, apoiamo-nos nas teses de Max Black. Nesse sentido, percebemos o esforço poético do autor voltado para a intenção de verbalizar a complexidade de nossa heterogênea condição humana, constituindo uma relação entre linguagem e pensamento que nos possibilita, inclusive, inferir aspectos da realidade. Uma vez que a metáfora é uma produtora de conhecimento – resultado de seu caráter interacionista e cognitivo –, ela pode contribuir para compreendermos o mundo e/ou a si mesmo. À medida que perdemos essa possibilidade, direcionamo-nos à desumanização do *ser*.

Demos predileção ao conceito de estilo de Spitzer pois o que é expresso em *A desumanização* é o resultado de um estilo que surge de um estado de espírito insólito, uma vez que as vivências confessadas pelo autor delineiam as subjetividades de sua alma que, por sua parte, vimos refletidas no enredo do romance estudado. Isso nos fez perceber como os estados interiores de determinado autor molda o urdimento de seu próprio estilo em uma obra literária, com base na linguagem nela orquestrada. Por outro lado, elegemos as teses de Black porque contemplamos, na metáfora, uma forma de entender o humano e sua psique através da linguagem. O conhecimento está na própria enunciação metafórica. E é sobre o enfoque interacionista da metáfora que discorreremos a seguir.

2 BLACK E A TEORIA INTERACIONISTA DA METÁFORA: ALGUMAS TESES

O filósofo Max Black foi um dos principais autores responsáveis por estabelecer um tratamento interacionista da metáfora. De acordo com Fossile (2011), antes dele, I. A. Richards, na década de 1930, já havia articulado subsídios para impulsionar o surgimento de uma teoria que se direcionasse na contramão das teorias tradicionais, nas quais a metáfora era concebida como um



elemento ornamental, e não como o resultado de uma interação. Nesse sentido, Black, em seu livro *Modelos y metáforas* (1966), especialmente no texto *La metáfora*, seguiu alguns princípios desenvolvidos por Richards, consubstanciando-os às premissas da filosofia analítica. O autor tornou-se, nesse sentido, um dos precursores em abordar as metáforas de maneira em que linguagem e pensamento balizam a interpretação dos enunciados metafóricos que, estruturalmente, são compostos de dois assuntos, o principal e o subsidiário, que indicam a existência de dois elementos que interagem entre si: o *marco* e o *foco*.

Nessa lógica, a análise de uma metáfora não se dá unicamente numa palavra – como, por exemplo, no enfoque substitutivo –, mas na interação entre dois signos a nível sentencial, e somente por meio dessa interação entre elementos de uma metáfora, podemos observar se uma palavra é utilizada metaforicamente. Assim, Black (1966, p. 48) afirma que “Cuando utilizamos una metáfora tenemos dos pensamientos de cosas distintas en actividad simultánea y apoyados por una sola palabra o frase, cuyo significado es una resultante de su interacción”. Desse modo, ainda que apenas uma palavra esteja sendo usada metaforicamente, a sua análise e compreensão só se torna possível quando observamos a sua interação com outros vocábulos situados numa sentença. Observemos a seguinte sentença metafórica:

1a.: O discurso do presidente é a erupção de um vulcão.

De acordo com a teoria interacionista, quando um indivíduo se depara com essa metáfora, dois pensamentos acerca de dois elementos distintos (a- o discurso; b- erupção) estão em simultâneo exercício, e a interpretação de tal sentença se dá pela interação que esses dois elementos engendram. No entanto, no processo de interpretação de uma metáfora, não podemos considerar a possibilidade de ela ser parafraseada, garantindo que ela não perca ou sofra alterações semânticas que minimizem seu efeito e seu alcance cognitivo. Por exemplo, vejamos algumas paráfrases possíveis para a metáfora **1a**: Ex1.: O discurso do presidente é violento; Ex2.: O discurso do presidente é grave; Ex3.: O discurso do presidente é prejudicial.

Notemos que, mesmo sendo possível tentar elaborar algumas interpretações que contemplem a sentença metafórica, essas interpretações não carregam toda a carga semântica que a metáfora contém, haja vista que, para os pressupostos interacionistas de Black, a metáfora se constitui como um aspecto criador e, então, o seu significado é sempre algo criativo, em que a palavra *focal* – no caso, <erupção> – atinge um sentido novo “que nos es del todo ni el significado de sus usos literales ni el que podría tener un substituto literal cualquiera: el nuevo contexto [...] fuerza a la palabra focal a una extensión de su significado”. (BLACK, 1966, p. 49)

Para o autor, numa sentença metafórica podemos encontrar o *foco* e o *marco*, esses dois elementos compõem a estrutura da metáfora. O *foco* seria o componente metafórico da sentença, e o *marco* o contexto no qual o *foco* estaria inserido, sendo marcado por uma ou várias palavras usadas literalmente, ou seja, o *marco* se configura como o restante não-metafórico da sentença. Dentro da literatura, em diversos estudos sobre a teoria interacionista de Black, notamos uma variação na utilização dos termos *foco/marco*, sendo possível observar “veículo/tópico”; “focus/frame”; “foco/moldura”; “suporte/veículo”; entre outros. Neste trabalho, adotaremos os termos *marco* e *foco*, sendo eles, respectivamente, o componente não-metafórico e o componente metafórico da sentença. Para elucidar essa questão, observemos o exemplo a seguir:

2a.: A extrema direita é um câncer na sociedade brasileira

O *marco* dessa sentença metafórica é: “extrema direita”, enquanto que o *foco* é: “câncer”. Para Black, a interpretação dessa metáfora é possível tanto a partir de questões estruturais da própria metáfora (como a compreensão de que uma sentença metafórica é composta por dois



elementos) quanto a partir de questões semântico-cognitivas, sendo a interação entre esses dois elementos constituintes da metáfora responsável pelo significado novo que ela produz. Sendo assim, a teoria interacionista de Black declara que a metáfora apresenta uma natureza cognitiva justamente por produzir conhecimento do mundo, graças aos novos sentidos e associações formulados por ela.

Black também cita em seu texto um *sistema de implicações associadas* que funciona à medida que incidimos ao assunto primário predicções que se referem ao assunto subsidiário. Com isso, retomemos ao exemplo 2a: “A extrema direita é um câncer na sociedade brasileira”. O assunto primário é a <extrema direita> e o assunto subsidiário é o <câncer>. Tendo em vista a perspectiva blackiana, o assunto subsidiário conjura um *sistema de implicações associadas* que evocam *lugares-comuns*, logo, <câncer> evoca termos como: “doença”, “dilaceramento”, “fatalidade”, “adversidade”, “aquilo que corrói”, “malefício”. Esses termos são projetados sobre o assunto principal, ou seja, sobre a extrema direita, a fim de fazê-la conhecida sob uma perspectiva negativa. Black discorre acerca desse aspecto com a metáfora “O homem é um lobo”, afirmando que:

el efecto que produce en llamar – metafóricamente - << lobo >> a una persona es el de evocar el sistema de lugares comunes relativos al lobo: si esa persona es un lobo, hace presa en los demás animales, es feroz, pasa hambre, se encuentra en lucha constante, ronda a la rebusca de desperdicios, etc.; y cada una de las aserciones así implicadas tiene que adaptarse ahora al asunto principal (el hombre) [...] El sistema de implicaciones relativo al lobo conducirá a un oyente idóneo a construir otro sistema referente al asunto principal y correspondiente a aquél: pero estas implicaciones no serán las comprendidas por los tópicos que el uso literal de <<hombre>> implique normalmente: las nuevas implicaciones han de estar determinadas por la configuración de las que acompañen a los usos literales de la palabra <<lobo>>, de modo que cualesquiera rasgos humanos de que pueda hablar sin excesiva violencia en un <<lenguaje lobuno>> quedarán destacados, y los que no sean susceptibles de tal operación serán rechazados hacia el fondo – la metáfora del lobo suprime ciertos detalles y acentúa otros: dicho brevemente, organiza nuestra visión del hombre. (BLACK, 1966, p. 50-51)

Desse modo, de acordo com o enfoque interacionista das metáforas, quando um indivíduo tem contato com uma sentença metafórica, em sua mente se estabelecem dois assuntos: o primário e o subsidiário que correspondem a um *marco* e *foco*, sendo dois pensamentos em simultânea interação. Nessa interação, a presença do *foco* aciona um sistema de implicações acerca dele mesmo que podem ser associadas/projetadas ao *marco*. Com isso, essas implicações, ao passo que se justapõem ao assunto primário (marco), também realizam mudanças no assunto subsidiário (foco), como uma extensão de seu significado como resultado da interação. Tomemos novamente a sentença metafórica 2b: “A **extrema direita** é um **câncer** na sociedade brasileira”.

Marco: extrema direita

Foco: câncer

Sistema de lugares-comuns associados: Doença. Dilaceramento. Fatalidade. Adversidade. Aquilo que corrói. Malefício

Digamos que um leitor/ouvinte se depare com a sentença metafórica acima, a presença do *marco* o estimula a selecionar algumas pressuposições e características do *foco*. Nesse sentido, um *sistema-câncer* de *lugares-comuns associados* é evocado: “doença”, “fatalidade”, “aquilo que corrói”, “malefício”. Tais *lugares-comuns* são associados e adaptados perfeitamente ao *marco*, ao



mesmo tempo em que provocam alterações no *foco*. Logo, de acordo com Black (1966), eles organizam a nossa visão da extrema direita. Podemos compreender que a extrema direita é um câncer na sociedade brasileira uma vez que ela corresponde a um malefício na manutenção do Estado democrático. Chegamos a esse entendimento pela interação entre *marco* e *foco* e pelo contexto em que a enunciação metafórica está situada. Assim, os entendimentos que alcançamos da sentença metafórica não se dão pelas pressuposições do *marco* (extrema direita), mas sim pelos *lugares-comuns* relativos ao *foco* (câncer) que organizam a maneira de concebermos a extrema direita, isso porque, para Black, a percepção de significado está diretamente conectada à ideia de um *sistema de lugares-comuns associados*.

Isto é, as sentenças metafóricas não correspondem a uma declaração literal, tampouco a uma substituição entre termos, do contrário seria possível convertê-las em enunciados literais sem prejuízo semântico ou de sentido. O exercício de parafraseá-las pode recair numa sentença literal ou numa outra sentença metafórica que não conduz a mesma carga semântica da sentença metafórica inicial, e é justamente dessa maneira que elas perdem a sua eficácia. No momento em que tentamos transmutar o seu sentido original nos aproximando de outras formas estamos rompendo com a sua capacidade criadora própria. Assim, quando intentamos parafrasear literalmente uma sentença metafórica, perdemos seu caráter cognitivo e sua carga semântica irruptiva, justamente porque no processo de tradução da sentença para uma linguagem clara e direta, suprimimos sua potência inerente de criar novos entendimentos acerca da realidade. A partir desse prisma,

uno de los puntos que quería subrayar más es que [...] la pérdida que se produce es pérdida de contenido cognoscitivo: la debilidad que nos importa de la paráfrasis literal no es que pueda ser fastidiosamente prolija o aburrirnos con explicitud [...], sino que fracasa en su empeño de ser una traducción, ya que no consigue hacernos penetrar en la cuestión como lo hacía la metáfora. (BLACK, 1966, p. 56)

Dessa forma, inferimos que a paráfrase de uma metáfora não consegue transpor a complexidade que a própria sentença metafórica abrange intrinsecamente. Pois a perspectiva tecida por determinada metáfora é um produto de amplo domínio inovador, resultado de uma interação entre dois universos semânticos aparentemente inconciliáveis que, unidos no interior da metáfora, abrem nova perspectiva cognitiva do mundo. Por tudo isso, ratificamos o que Black diz sobre a metáfora criar similaridades, ao invés de formular uma já existente. Diante disso,

la afirmación metafórica no es ningún sustituto de una comparación en toda regla ni de ningún otro enunciado literal, sino que posee una capacidad y un rendimiento propios y peculiares. Frecuentemente decimos <<X es M>>, y evocamos cierta conexión imputada entre M y un L imputado (o, mejor, un sistema indefinido L1, L2, L3, ...), en casos en que nos hubiéramos tenido que encontrar algún parecido literal entre M y L; y, en algunos de estos casos, decir que la metáfora crea la semejanza sería mucho más esclarecedor que decir que formula una semejanza que existiera con anterioridad. (BLACK, 1966, p. 47)

Com isso, Black afirma que quando enunciamos, por exemplo, uma determinada sentença metafórica “A é B”, o B estabelece uma relação com C, sendo este C possuidor de um sistema que, como discutido por Black, seria exatamente o sistema de *lugares-comuns associados*. Logo, levando em consideração a famosa metáfora elucidada pelo autor “O homem é um lobo”, o A seria o “homem”, “lobo” corresponderia ao B e o sistema C1, C2, C3 se constituiria como: C1: é feroz, CL2:



passa fome, C3: se encontra em luta constante. A Teoria Interacionista de Black se constitui, à vista disso, como um contraponto aos enfoques de substituição e comparação acerca das metáforas, atribuindo a essas um princípio cognitivo que se manifesta no momento em que um determinado indivíduo dispõe de um *sistema de lugares-comuns associados* característico do *marco* para compreender o *foco*. Dessa maneira, a Teoria Interacionista considera que a interação entre dois componentes da metáfora contribui para que *insights* cognitivos auxiliem na compreensão de questões da realidade, resultado das criativas e inovadoras associações feitas pela sentença metafórica. Apoiados nas teses interacionistas, faremos a análise de cinco metáforas presentes no livro *A desumanização* do escritor português Valter Hugo Mãe. A escolha de uma abordagem interacionista da metáfora decorre da maneira como o escritor articula a associação de significados na construção de suas sentenças metafóricas. Isto é, por conta do objeto em análise, utilizamos a teoria interacionista considerando o universo metafórico tecido por Mãe.

As metáforas em *A desumanização* apresentam um aspecto não convencional que, efetivamente, podem ser definidas como verdadeiras invenções e criações de similaridades. Trata-se de metáforas que, além de inerentemente estabelecerem uma interação entre os elementos estruturais *marco* e *foco*, demandam também uma interação do próprio leitor que as lê, pois é necessário que ele evoque um sistema *lugares-comuns associados* sobre o assunto subsidiário para penetrar no assunto primário. Portanto, é fundamental o esforço interpretativo do leitor a partir dos dois pensamentos em simultânea atividade. Dessa maneira, tenta-se alcançar o sentido da metáfora, sentido esse que retrata uma nova maneira de compreender a configuração de alguns aspectos do mundo, uma forma de perceber uma outra face da realidade. Logo, “é justamente esse novo prisma de mundo proporcionado somente pela metáfora, que a faz cognitiva, produtora de conhecimento” (SANTOS, 2001, p. 38).

Afirmar que uma sentença metafórica não pode ser parafraseada não significa que ela não pode ser entendida. Pelo contrário, estamos afirmando que o conhecimento está na própria metáfora, na relação que resulta da interação entre dois pensamentos acionados. Isto é reivindicar as suas propriedades cognitivas, pois assumindo o seu aspecto criador de novas associações estamos encarando a metáfora como uma produtora de conhecimento do mundo, da vida, de si. Para Barbosa (2016), Cavalcante (2002), Fossile (2011; 2015) e Santos (2001), é nesse sentido que apreendemos o seu valioso caráter cognitivo, pois a metáfora não seria cognitiva se aceitássemos, como sua tradução, uma paráfrase que desvelaria algo já formulado. Isso recairia na metáfora sob o prisma substitutivo e comparativo. Ela é cognitiva justamente por ser criadora, por ser uma lente através da qual vislumbramos uma inédita forma de inferir, encarar e investigar a realidade.

Para nossa análise utilizamos a *Fórmula do significado* expressa por Black (1966) no capítulo II intitulado “Las explicaciones del significado”. Tal fórmula se dá da seguinte maneira: [S meant *a* by *x*]. Assim, adaptando-a para o contexto de análise das metáforas contidas no romance de Valter Hugo Mãe, podemos afirmar que S: *marco*, x: *foco*, a: inferência cognitiva da metáfora, resultado das interações estabelecidas entre *marco* e *foco* e do contexto em que a metáfora está situada.

3 SEMELHANTES NA TRISTEZA: AS METÁFORAS COMO UM INSTRUMENTO COGNITIVO E TRAÇO ESTILÍSTICO PARA A REIVINDICAÇÃO E A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE LUTO

A análise das metáforas em *A desumanização* (2017) obedeceu a alguns critérios. Fizemos um recorte das diversas metáforas engendradas no romance e escolhemos, como objetos de análise, aquelas que revelam um aspecto central: o mnemônico, isto é, aquele pelo qual a memória



de uma personagem evoca outras através do recurso metafórico, algo frequente nas referências que a personagem Halla faz à sua irmã Sigridur. Essas metáforas seriam, então, sobre o tempo da narrativa. Nesse sentido, observamos que as cinco metáforas selecionadas apresentam uma recorrência interpretativa no sentido de que remetem simultaneamente à memória para tratar da dor da perda, do luto, da morte e de suas reverberações, o que resulta, portanto, num procedimento estilístico frequente utilizado pelo autor.

Além de utilizarmos, então, a fórmula: *S* meant *a* by *x* (*S* significou *a* através de *x*) proposta por Max Black (1966), incluímos o *sistema lugares-comuns associados* para auxiliar no processo de análise e compreensão. Assim:

S: marco (componente não metafórico).

x: foco (componente metafórico).

Sistema de lugares-comuns associados (SLCA): conjunto de pressuposições característicos do assunto subsidiário (foco) associados ao assunto primário (marco).

a: inferência mais verossímil da metáfora. (com base no contexto linguístico da sentença metafórica e da interação desenvolvida entre *marco* e *foco*).

Com essas explicações iniciais, partiremos à análise das metáforas. No fragmento abaixo, no qual destacamos duas sentenças metafóricas, a personagem Halla discorre sobre a ideia de que sua irmã Sigridur, morta há pouco tempo, estaria debaixo da terra. A noção de criança plantada perpassa todo o romance, aparecendo logo nas primeiras linhas da obra: “Foram dizer-me que a plantavam. Havia de nascer outra vez, igual a uma semente atirada àquele bocado muito guardado de terra” (MÃE, 2020, p. 17). Essa noção desenvolvida pelo autor em seu romance converge com suas intrínsecas vivências quando criança. No livro autobiográfico *Contra mim* (2020), Mãe se debruça sobre suas memórias infantis e relembra de como imaginara seu irmão Casimiro, falecido com um ano de idade. Com um entendimento poeticamente pueril da morte, o autor acreditava que seu irmão havia sido plantado e que, por isso, germinaria:

Um dia havia de brotar da terra o seu pessegueiro gigante e talvez pudéssemos trepar por ele acima, mesmo até o céu, finalmente à procura de o ver. Um pessegueiro cujos frutos se acendessem, como um enorme candeeiro de tronco, ramos, folhas, meninos ofuscantes, sorrindo. Não fazia grande ideia do que seria dos meninos deitados sob a terram, mas, com aquela expectativa, pensava neles como sementes. Algures no macio do corpo existiria um caroço que deitaria tronco para crescer por sobre a terra. (MÃE, 2020, p. 95)

No entanto, a personagem Halla parece resistir à concepção de que sua irmã pudesse germinar. Mãe dota a personagem de uma compreensão mais realista do desencarne, como se ele pudesse transportar sua noção, agora um pouco mais madura, a ela. Entretanto, essa não expectativa no pós-morte é construída metaforicamente:

[Metáfora 1]: “A **criança plantada** não podia voltar, pensava eu em terror. A terra estava infestada de seres matadores, invejosos, gulosos da felicidade dos outros. Comem-lhe a felicidade. Pensei que a minha irmã apenas morria mais e mais a cada instante. [Metáfora 2]: Era uma **criança bonsai**” (p. 19-20).

Na primeira sentença metafórica, o marco corresponde a /criança/, o foco ao verbo no particípio /plantada/, e o sistema de lugares-comuns associados evoca: /semeada/, /assentada/, /colocada/, até chegarmos à /enterrada/. Nesse sentido, a inferência alcançada nos remete à noção da condição em que Sigridur se encontrara, pois, uma vez morta, ela estava enterrada, como uma



forma convencional de o fazer com mortos. Notemos que a metáfora da criança plantada, que acompanha e habita a memória do autor desde quando pensara sobre o seu falecido irmão, é transferida ao enredo do romance, num contexto que, agora, abrange as irmãs gêmeas Halla e Sigridur. Uma indicativa de tal ocorrência encontramos em Monteiro (2009, p. 17), quando o autor salienta que, na estilística de Spitzer, “o estilo, constituindo a sua maneira própria de expressar-se, espelha o seu universo interior, as suas profundas vivências e experiências”.

Metáfora 1:

S: criança

x: plantada

SLCA: Semeada. Cultivada. Enterrada. Colocada. Assentada. Estabelecida. Enterrada.

a: Sigridur na condição de enterrada.

A segunda sentença metafórica tem novamente /criança/ como marco, /bonsai/ como foco, e o sistema de lugares-comuns associados evoca a ideia de /miniaturização/, /pequenez/, /decrecimento/, /não desenvolvimento/, /interrupção/. A partir disso, a inferência que depreendemos dessa metáfora é como uma extensão da anterior, ou melhor, um complemento. A palavra focal /bonsai/ nos transporta à percepção de interrupção da vida de Sigridur. Assim, ela, enquanto criança bonsai, seria assim em razão do seu impedimento de se desenvolver por dois motivos, tanto pela diminuição de sua matéria, pois é um corpo que decrece obedecendo a naturalidade do processo de decomposição do ser humano, como pela sua estatura infantil que foi impedida, pela morte, de crescer, de seguir ao estágio adulto.

Metáfora 2:

S: criança

x: bonsai

SLCA: Miniaturização. Pequenez. Decrecimento. Não desenvolvimento. Interrupção.

a: Interrupção da vida de Sigridur.

Vale apontar que as metáforas 1 e 2, postas em sequência, sugerem ao leitor uma percepção da morte como uma poda, sobretudo a morte prematura, pois dela não brotam os frutos do tempo. Ainda que decorra, o tempo não poderá agir sobre Sigridur da mesma maneira que age nas sementes, transformando-as em grandes árvores das quais nasçam frutos e novas sementes. No máximo, a memória poderá manter o instante de tempo em que fora interrompida a vida, antes se pudessem ver os frutos. Assim, recordar Sigridur – criança bonsai – seria também mantê-la pequena, infrutífera, com raízes enfiadas na terra. Adiante, a personagem Halla segue metaforizando a morte de sua irmã. Interessante imaginá-la como uma criança que precisou lidar com o luto de forma precoce, porque a morte de sua irmã contrariou a própria ordem da vida, tal qual experienciara Mãe, seu criador. O autor lhe confere amadurecimento ao nutri-la de uma concepção bruta e real da morte que, ainda assim, é concebida através de metáforas:

“Se abrissemos a terra da Sigrudur, ela haveria de estar moída com as madeiras, confundida entre uma coisa e outra, cheia de porcarias a passar-lhes nos folhos rendados que a minha mãe preparara a vida inteira. [Metáfora 3]: E teria covas fundas no rosto, a **minha irmã** seria feita de **abismos** e **vazios** para cair longe, para onde ficava a morte” (p.72).

A terceira sentença metafórica apresenta como marco /minha irmã/, e como foco /abismos/ e /vazios/. O sistema de lugares-comuns associados à palavra /abismo/ evoca a ideia de: /precipício/, /profundez/, /divisão/, /separação/, /dessemelhança/ e, para /vazio/: /despovoado/, /desocupado/, /despejado/, /vácuo/, /decomposição/. O resultado dessa interação corrobora a inferência de que ser feito de abismos e vazios indica que agora Sigridur era uma ausência sempre



presente através da memória, como o abismo a essência da irmã perdida era existir como uma falta impossível de ser medida, ou, dito literalmente, um verdadeiro estado de dissemelhança com Halla pois, como ela afirma: “a morte impedia a irmandade e as semelhanças” (MÃE, 2017, p. 72).

O vazio declarado por Halla diz respeito à gradativa decomposição do tecido humano de sua irmã morta. Já o abismo aponta justamente a dessemelhança entre as duas irmãs, que eram gêmeas, ao mesmo tempo que aponta para uma perda de referência para Halla, que já não vê a irmã consigo, como uma reafirmação de si mesma. A morte de uma separou a outra de si mesma, abriu uma ferida que não deixa esquecer a perda, pois “ela [Sigridur] estaria ali diminuindo e sem gestos” (MÃE, 2017, p.72).

Metáfora 3:

S: minha irmã

x: abismos e vazios

SLCA: Abismo: Precipício. Profundezas. Divisão. Separação. Dessemelhança.

Vazio: Despovoado. Desocupado. Despejado. Vácuo. Decomposição.

a: Dessemelhanças; Destruição de tecido humano, restando talvez ossos e cartilagens.

Posteriormente, Halla se debruça sobre o pedaço de terra onde sua irmã estivera enterrada e suplica por um sinal seu, por qualquer indício que confirmasse a sua presença onipresente. Quando criança, Mãe buscara da mesma forma seu irmão: “que eu bem supliquei pela voz do Casimiro, certo de que a mais ínfima pronúncia alumiaria minha avidez e confusão, mas não me respondia. Estaria feito de amar-nos sem vocabulário e sem som” (MÃE, 2020, p. 98). Diante disso, Halla ainda acreditava na possibilidade de que ela pudesse ser entendida e alcançada por Sigridur:

“Podes vir como te for mais fácil, não terei medo. Nunca teria medo de ti, nem mesmo se agora esta pouca terra se abrisse e eu te caísse sobre o corpo desfeito. O teu corpo desfeito nunca me será horrível ou nunca me impediria de te abraçar ou de te beijar, [Metáfora 4] porque o teu **corpo** é o **futuro** do meu” (p. 68).

Na quarta metáfora, o marco diz respeito a /corpo/, o foco a /futuro/ e o sistema de lugares-comuns associados evoca pressuposições de um: /tempo que há de vir/; /aquilo que há de ser/; /acontecimento que há de ocorrer/, /condição que haveria de chegar/. Logo, a inferência mais próxima que podemos alcançar dessa sentença metafórica é a convicção de que o estar morto também é uma condição que esperava por Halla. Um futuro que, próximo ou não, refere-se a um fado.

A partir do contato precoce com a morte de sua irmã, somada a quase inexistência de crianças no ermo vilarejo islandês onde vivia, Halla foi forçada a vivenciar o luto como se também se desumanizasse, sobretudo quando a morte correspondia a um ser gêmeo ao seu. Por serem gêmeas monozigóticas – informação implícita reforçada pela recorrente metáfora “crianças espelho” – a morte de Sigridur foi como assistir à própria morte, é como se Halla estivesse morrendo simultaneamente, uma morte que ainda lhe dava o direito de experienciar um modo de vida, sendo essa situada no interstício entre o *viver* e o *morrer*. Halla era a irmã menos morta, pois como a personagem afirma “Começaram a dizer as irmãs mortas. A mais morta e a menos morta. Obrigada a andar cheia de almas, eu era um fantasma” (MÃE, 2017, p. 22).

Nessa perspectiva, o corpo de Sigridur era o futuro de Halla ao passo que Halla também morreria ulteriormente, assim como todos que gozam da vida. No entanto, ela parece ser fixada numa familiarização com a morte com base numa construção cultural, reforçada por muitos que a rodeiam. Essa busca de Halla pela irmã Sigridur é como estar mais perto da morte. É,



consequentemente, ser longe e estar às costas dos olhos, sendo esses acontecimentos e estados reservados ao futuro, na concepção das irmãs espelho.

Metáfora 4:

S: corpo

X: futuro

SLCA: Tempo que há de vir. Aquilo que há de ser. Acontecimento que há de ocorrer; Condição que haveria de chegar

A: Compreensão da morte como uma condição que haveria de chegar para Halla.

Adiante, em uma conversa que tivera com Einar – personagem o qual Halla se relaciona amorosamente –, Halla tenta explicar a ele que não poderia simplesmente fugir dali, renunciando, assim, a sua vontade de investigar a terra na qual Sigridur estava enterrada:

“A expectativa do Einar era a de que eu me libertasse. Ficasse do lado da vida, abdicando de estar auscultando a terra à procura da minha irmã. Queria que me habituasse à ideia de sairmos dali. Eu explicara-lhe que talvez me fosse impossível partir sem aquele pedaço de terra. [Metáfora 5]: O meu **rosto**, disse-lhe, é de **terra**. Sou escura, suja, horizontal, morta. Tudo quanto me põe a viver parece errado ou loucura” (p. 87, 88).

Nessa metáfora, /rosto/ refere-se ao marco, e /terra/ ao foco. O sistema de lugares-comuns associados evoca alguns elementos como: /solo/, /chão/; /pó/; /poeira/; /luto/. Diante disso, considerando o contexto em que a sentença metafórica está situada e a interação entre os vocábulos, podemos chegar à inferência de que Halla, naquele momento, estaria tomada ao luto, pois recorrentemente buscava e avivava a presença de Sigridur ao plano dos vivos. Assim, quando Halla declara que seu rosto é de terra ela está corrompendo a sua própria existência e impedindo a possibilidade de prosseguimento da vida, da disposição em viver, uma vez que o luto a enraizava naquele pedaço de terra. Logo após, ela proclama uma série de adjetivos: “escura”, “suja”, “horizontal”, “morta” que, numa espécie de gradação, reforçam a ideia da pulsão de morte provocada pelo luto. É notável observar que a palavra “horizontal” também fora utilizada por Mãe, ainda criança, quando pensara sobre seu irmão deitado sob a terra: “Era um menino horizontal. O meu irmão horizontal. Estava ali deitado à espera que uma árvore grande nascesse e chegasse até o céu” (MÃE, 2020, p. 93).

Como dito anteriormente, Halla foi obrigada a lidar com a morte com apenas 11 anos e, nesse processo, ela se familiariza com essa condição, principalmente pelas pessoas sempre se referirem a ela como a irmã menos morta. Sua mãe, que nunca aceitou a morte da filha, até acreditou por um momento que Halla portaria, dentro de si, a alma de sua irmã.

Por esse motivo, a terra representa o luto no sentido de que Halla tenta se distanciar de quaisquer ações que não estejam relacionadas a pensamentos sobre Sigridur – podemos notar isso nas diversas invocações que faz à irmã – porque, segundo ela, isso seria errado ou loucura. Portanto, ter o rosto de terra é ter a própria vida apoiada no luto e, com isso, rejeitar o estímulo em se viver para dar lugar à destituição do *ser*, um verdadeiro impulso de morte: “Faz de mim um bonsai. Peçote. Corta o meu corpo, impede-o de mudar. Bate-lhe, assusta-o, obriga-o a não ser uma coisa senão a imagem cristalizada da minha irmã” (MÃE, 2017, p. 20). Tal impulso também pode ser notado quando a personagem afirmava que “passava a mão pelo chão como se pudesse aclarar a imagem, permitir que me visse ao espelho, permitir que a visse. Ali refletido o meu rosto era de terra e não se aclarava. Ambas mortas, cheias de medo” (MÃE, 2017, p. 67). Desse modo é como se Halla continuasse ou quisesse seguir sendo gêmea de Sigridur, mesmo após o seu desencarne e, por isso,



seu rosto era de terra, exatamente pelo assombro do luto perpassar-lhe a vida. As duas irmãs eram semelhantes na tristeza.

Metáfora 5:

S: rosto

X: terra

SLCA: Pó. Poeira. Penumbra. Tristeza. Luto.

A: Estado de vivência do luto.

Tendo em vista as cinco metáforas analisadas, observamos que há a ressonância da metáfora da *criança plantada* em outras construções metafóricas, sendo essas apoiadas frequentemente em temáticas que evocam a sensação da perda, da pulsão de morte, do processo de luto, a partir dos aspectos temporais e espaciais da narrativa. Diante disso, percebemos que, ao passo que o autor trata de questões e percepções recorrentes de sua infância, ele altera a tonalidade dos fatos. Não temos em *A desumanização* uma visão otimista e crédula da morte e da sua repercussão – como fora em sua infância ao acreditar que, de uma semente, seu irmão morto germinasse – mas sim uma perspectiva isenta de qualquer acolhimento, acompanhada de um luto e solidão intensos, como se a narradora-personagem continuasse gêmea de sua irmã mesmo falecida, uma gêmea da morte.

As vivências de Mãe influenciaram tanto o seu estilo que a metáfora que povoou a sua imaginação infante reaparece anos depois em *A desumanização* (2017) e é confessada posteriormente em *Contra mim* (2020). Diante disso, no processo de análise não pudemos ignorar as experiências vividas pelo autor, porque a alteração de seu estado psíquico comum resulta numa psique singular que reflete numa maneira de se expressar igualmente singular, ou seja, um estilo que é resultado de um mergulho no psiquismo humano, e é por esse motivo que “Para Spitzer, o principal da investigação é o espírito do autor, que funciona como eixo de toda criação literária, sem perder de vista que o sistema expressivo da obra e os traços da personalidade criadora no ato da criação constituem duas faces da mesma moeda” (MONTEIRO, 2009, p. 19).

As metáforas selecionadas da obra não são somente um procedimento estilístico utilizado pelo autor, como também são uma expansão da sua psique, uma forma de criar similaridades entre elementos e que, por essa razão, não podem ser parafraseadas, pois recorrer a isso seria negar às metáforas a sua potente disposição cognitiva de produzir novos significados, uma vez que, para Black, não temos as sentenças metafóricas como substitutas de um enunciado literal. Assim, a partir do contato com a morte de sua irmã, Halla precisou aprender a lidar com a perda e com a condição de luto que se encontrara. Halla, então, foi forçada ao amadurecimento, um legítimo processo de transitoriedade vivido pela personagem. Ora, se as metáforas são produtoras de conhecimento por meio das associações articuladas por ela, nada mais honesto que Halla recorresse a elas como uma forma de reivindicar o luto a si e tentar entender-se nessa dimensão, que implica entender também o próprio processo de luto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a analisar cinco metáforas presentes no romance *A desumanização* sob o enfoque interacionista desenvolvido por Max Black. A fim de delimitar ainda mais o objeto de análise, elegemos construções metafóricas que exploraram majoritariamente o aspecto temporal da narrativa por meio da memória. Os resultados nos apontam que as metáforas parecem operar como uma maneira de lidar com as experiências que abrangem a perda, a morte, o luto, processos esses que podem atravessar cada ser humano. Metaforizar a morte era a possibilidade, através da linguagem, de buscar outras e novas maneiras de compreender todos esses acontecimentos num



contexto de desumanização que a própria personagem se colocava, pois em que se traduz cada impulso de morte evocado por Halla senão na intrínseca disposição em se autodesumanizar? Halla formula e evoca metáforas que, por assumirem um caráter criador e cognitivo, apresentam um novo modo de entender e abraçar o luto, tal qual a morte e suas reverberações.

O funcionamento das metáforas em *A desumanização* se tornou ainda mais explícito com as teses de Max Black justamente porque elas são o resultado da inter-relação entre *marco* e *foco* que nos possibilitou conceber as sentenças metafóricas como produtoras de conhecimento, pois elas fomentam uma nova experiência com o mundo através da interação entre dois elementos que indicam um novo olhar acerca de questões da realidade. Ainda assim, a definição de estilo formulada por Spitzer, observada nos estudos de Aguiar e Silva (1979), Martins (2012) e Monteiro (2009), subsidiou o engendramento desse trabalho à medida que as metáforas desse romance, enquanto traço estilístico, surgem de um estado não habitual do espírito do autor exatamente porque, de acordo com o enfoque spitzeriano, o estilo nasce de uma psique marcada por vivências e experiências intrínsecas. Nesse sentido, as experiências confessadas por Mãe (2020) convergiram precisamente com as ideias de Spitzer, pelo fato de que a partir delas pudemos compreender como algumas particularidades da configuração psíquica do autor influíram em sua expressividade, refletindo o seu interior.

Dessa forma, foi nesse ponto que as teorias conversaram. À medida que temos um estilo como repercussão de uma psique inabitual, criou-se metáforas que se estabeleceram num processo interacional para expandir o próprio estado de espírito do autor, como uma expansão de si refletido e manifestado na linguagem, uma alternativa possível ao conhecimento de nossa própria condição e de aspectos inerentes a ela. Com isso, concluímos que as cinco metáforas em pauta nesse artigo, presentes no romance *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe, geram similitudes e, dessa maneira, operam como recurso estilístico tal qual como produtoras de conhecimento para captar questões que atravessam a condição de *ser* humano, como o luto vivenciado por Halla, um luto que parece não poder ser dito e sentido de forma literal porque se há, na linguagem, uma maneira de compreender a si é devido à metáfora.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. 3. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

BARBOSA, Noelma Oliveira. **A abordagem interacionista da metáfora: um estudo semântico-lexical**. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 20, 2016, Rio de Janeiro. Anais do CNLF, vol. XX, n. 02, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016.

BLACK, Max. **Modelos y metáforas**. Madrid: Tecnos, 1966.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **A metáfora no processo de referenciação**. 2002. 191f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Chapel Hill: The Project Gutenberg Ebook, 2010. [E-book: #31552]

FOSSILE, Dyesa. Um passeio pelos estudos da metáfora. **Revista de Letras**, Curitiba, n° 14, p. 1-15, 2011.



_____. **Metáforas verbais**: um estudo analítico-descritivo. Palmas: EDUFT, 2015.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Editora Globo, 2017.

_____. **Contra mim**. São Paulo: Editora Globo, 2020.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**: manual de análise e criação do estilo literário. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SANTOS, Cristina Chaoui. **Teorias Contemporâneas de Metáfora**: convergências em diferenças. 2001. 185f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.